

AUTOMUTILAÇÃO O TRABALHO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL E O DIÁLOGO POSSÍVEL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS DE BAGÉ

GUEDES, S. L.¹, MARTINS, C. S. L.², CARVALHO, J. B.³

¹ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil, dasiguedes@hotmail.com

² Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil, claudeteslm@gmail.com

³ Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé – RS – Brasil, jessicadcarvalho@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa objetivou identificar a ocorrência de casos de automutilação de alunos dos anos finais de escolas públicas da cidade de Bagé/RS e de que forma são tratados pela orientação educacional e abordados através de textualização nas aulas de Língua Portuguesa. Não existem estatísticas oficiais no Brasil a respeito da incidência de casos de automutilação entre adolescentes, porém a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece o tema como um problema de saúde pública. O tema foi escolhido para o presente estudo por tratar de um assunto considerado tabu no meio escolar, sendo tratado como algo distante da realidade de alunos do ensino básico. Casos de automutilação tem sido comentados em rede nacional de televisão e em redes sociais que os adolescentes têm acesso, esse projeto investigativo analisou a viabilidade da abordagem pedagógica das escolas na sala de aula de Língua Portuguesa e a possível colaboração dos orientadores educacionais no trabalho dos professores. A pesquisa foi realizada através de questionários e, posteriormente, entrevistas realizadas junto aos professores de Língua Portuguesa e orientadores educacionais de três escolas públicas de diferentes bairros da cidade de Bagé. Conclui-se através da presente pesquisa que a presença atuante do orientador educacional na escola junto aos alunos, professores e pais, bem como a interação da comunidade escolar através de ações afirmativas e transmissão de conhecimento das ocorrências existentes no meio auxiliam na prevenção de casos diversos de automutilação na adolescência.

Palavras-chave: automutilação; adolescência; escola.

1 INTRODUÇÃO

Os casos de automutilação na adolescência têm sido divulgados em canais abertos de televisão como uma epidemia entre estudantes frequentadores assíduos de redes sociais, o que tem ligado um sinal de alerta entre pais, professores e profissionais da área de educação principalmente por que a escola é um dos locais onde esses adolescentes praticam o ato de cortar partes do corpo, arrancar os cabelos, causar lesões sem a intenção de morrer utilizando objetos, que algumas vezes fazem parte do material escolar. Dificuldades em atravessar as fases de mudança, a falta de aceitação do grupo, são motivos detectados como causadores da agressão ao próprio corpo, porém outros fatores externos são reconhecidos da mesma forma, alguns adolescentes cometem atos de violência contra o próprio corpo com a intenção de solidariedade com outro que faz parte do seu círculo de amizade.

Por tratar-se da destruição direta e deliberada de partes do corpo sem a intenção suicida consciente a automutilação é tratada pela OMS como uma forma comum de violência autoinfligida e categorizada em três grupos, sendo eles: (1) automutilação grave – inclusive cegar-se e auto-amputar-se dedos, mãos, braços, membros, pés ou genitália; (2) automutilação estereotipada – tal como bater a cabeça, morder-se, bater no próprio braço, cortar os olhos ou a garganta, ou arrancar o cabelo e (3) automutilação superficial a moderada - como cortar-se, arranhar-se ou queimar-se, enfiar agulhas na pele ou arrancar os cabelos compulsivamente (OPAS, p. 184, 2002).

As aulas de Língua Portuguesa tem na abordagem textual amplo material para diálogo, escrita, debates e demais gêneros que podem tratar do problema com a seriedade que ele merece sem perder o foco na linguagem utilizada. O resgate de discussões em diferentes gêneros textuais e discursivos, incluindo a literatura levam para o aluno a voz necessária para tratarem do assunto coletivamente. A utilização de textos que tratem sobre as questões da violência autoinfligida nas aulas de Língua Portuguesa, facilitaria a abordagem dos orientadores e esses poderiam auxiliar os professores da referida disciplina na escolha de textos adequados para as faixas etárias dos alunos frequentadores dos anos finais do ensino fundamental.

A presente pesquisa teve por objetivo investigar a utilização do tema automutilação nas aulas de Língua Portuguesa e os diálogos existentes entre orientadores educacionais e professores da referida disciplina.

2 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa realizada neste projeto investigativo deu-se nos métodos de questionário e entrevista de profissionais atuantes na área de educação em escolas da cidade de Bagé-RS. Teve como sujeitos de pesquisa os regentes de Língua Portuguesa dos anos finais do ensino fundamental e orientadores educacionais, visto que os últimos, pela natureza de seu trabalho estão diretamente envolvidos nos casos de automutilação no ambiente escolar, no período de 19 de abril à 20 de maio de 2017 e as respostas obtidas foram analisadas no período de 21 de maio a 10 de junho de 2017

A pesquisadora utilizou-se de questionário por meio digital com perguntas diretas onde foram solicitadas respostas com as variáveis (sim) e (não) tanto para os professores quanto para os orientadores. Essa ferramenta permitiu que a pesquisadora formulasse perguntas personalizadas para cada um dos entrevistados. Tanto os questionários quanto as entrevistas não tiveram ligação direta com as escolas e sim com os profissionais atuantes nas mesmas e não foi utilizado o espaço físico da escola para os questionamentos, porém a localidade onde as mesmas estão situados foi levado em consideração. Foi feito o contato com três professores de Língua Portuguesa e três orientadores educacionais, dos quais duas professoras e três orientadores dispuseram-se a responder os questionamentos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concluiu-se que a abordagem da automutilação na sala de aula e nas salas de orientação acontece quando episódios concretos apresentam-se na escola ou são

divulgados pelas grandes mídias, por ser tratado como tabu existe resistência por parte dos profissionais em falar sobre o assunto com adolescentes e não são reconhecidos como forma de prevenção o diálogo, leitura, e trabalho pedagógico com o tema. Todos os profissionais questionados e entrevistados reconhecem a necessidade de abordar o tema através de um planejamento de aula e não informalmente, porém sentem-se desamparados pelos planos de aula e por profissionais que tenham conhecimento sobre o assunto. Segundo Possenti (1996): “... não existem textos errados e textos corretos (pelo menos, nem sempre), mas, fundamentalmente, textos mais ou menos adequados, ou mesmo inadequados a determinadas situações.”, (p.94) a passagem trata do ensino de gramática na escola mas abrange paralelamente o uso dos mais variados gêneros textuais e discursivos de acordo com o nível de amadurecimento dos alunos.

João Paulo Braga, doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e autor da tese “Autolesão na Era da Informação: uma abordagem sociológica do *cutting* entre subculturas urbanas” em entrevista a revista Nova Escola (2016) afirma que, apesar do aumento dos casos a automutilação não é um modismo adolescente e que a abordagem na escola tem que começar antes do problema.

As aulas de Língua Portuguesa e seus regentes podem apropriarem-se de diversas tipologias textuais para abordar o assunto de forma que não seja traumática para o aluno a tratativa do tema dessa pesquisa, enquanto os profissionais da orientação mostram-se interessados em aproximar a existência da temática das demais disciplinas através da intermediação com a supervisão pedagógica e a família dos alunos.

A entrevista transcrita na Tabela 1 demonstra que o assunto é tratado como tabu e não é abordado formalmente e nem inserido no conteúdo como objeto de estudo, o que dificulta a aproximação da realidade dos alunos com o tema.

ENTREVISTA COM ORIENTADORA EDUCACIONAL

1) Existem casos de mutilação autoinfligida no ambiente escola?

R.: Sim, identificamos casos de automutilação dentro das dependências da escola.

2) Como aconteceu a identificação dos casos?

R.: As primeiras me procuraram e me mostraram o que tinham feito. Como algumas alunas souberam do ocorrido, quando viram outras auto mutiladas relataram a mim. E também umas foram apontando as outras.

3) Qual a forma de abordagem ao aluno(a) nessas ocorrências?

R.: A todas pedi que levantassem a roupa para ter certeza, só de serem chamadas em particular já iam falando sobre o fato. Algumas mentiram. Foram questionadas sobre o motivo de tal atitude e desde quando faziam isso. Conversas com a alunas envolvidas, conversa com a família na presença das alunas, encaminhamentos a especialistas em casos mais graves são muito importantes. As conversas são diretas nesses casos, não tem como não dessa forma. O assunto é sério e tem que ser tratado como tal.

4) Qual a faixa etária dos aluno(a)s envolvidos?

R.: Não presenciei ocorrências com meninos, as meninas estão na faixa de 11 a 16 anos.

5) Como a família reage ao ocorrido?

R.: A família fica em choque. Relata que jamais imaginou que sua filha estaria fazendo isso. A maioria não entende o porquê do acontecido. Dizem que fazem tudo o que podem pelas filhas e elas não precisavam fazer isso.

6) Qual o perfil identificado das alunas que cometeram atos de automutilação?

R.: Perfil não mas o que notei é que uma fazia e a outra copiava. Não apresentaram um perfil permanente. São muito influenciáveis.

7) Quais as ações coletivas e preventivas que a escola utiliza para conscientização?

R.: Não existem ações coletivas nem preventivas, como falei quando identificados os casos conversamos diretamente com as alunas envolvidas e com os responsáveis, os pais são chamados para serem informados do que está acontecendo e, se necessário, a adolescente envolvida é encaminhada para serviço especializado.

8) Existe abordagem formal em sala de aula sobre o assunto?

R.: O assunto não é fácil de ser tratado em sala de aula, não há uma abordagem formal, de conteúdo, o que é feito por parte de alguns professores é conversar informalmente, no meio de aula por exemplo sobre o caso que apareceu na TV sobre o jogo da baleia azul.

Entrevista realizada em 19 de maio de 2017 com orientadora educacional com a autorização para divulgação acadêmica.

Tabela 1 = Fonte: a autora

4 CONCLUSÃO

É evidente a necessidade de uma abordagem clara e reflexiva nas aulas de língua portuguesa, bem como o diálogo e interação dos orientadores na prática dos professores através dos gêneros textuais solicitados pelos planos de aula.

O contato e diálogo com os profissionais citados trouxe a certeza da possibilidade de inserir no currículo dos anos finais do ensino fundamental o tema da ocorrência de automutilação no meio escolar e as diversas formas que tais atos se apresentam na realidade dos alunos.

O componente curricular Psicologia e Educação, cursado pela pesquisadora, trouxe a possibilidade de discutir o tema referente ao *cutting* diretamente ligado a área de formação da Licenciatura em Letras Português e Literaturas da Língua Portuguesa visto que a pesquisa investigou profissionais da área de linguagem junto dos profissionais da área de orientação em um momento em que este está sendo amplamente divulgado por meios de comunicação.

Os professores e estudantes da área de humanas podem ser instigados a pensar e estudar suas práticas relacionadas às questões expostas nessa pesquisa, levando para as salas de aula, textos que ampliem a visão do aluno em relação aos fato social que apresenta-se em plataformas digitais, na literatura, em peças cinematográficas e televisas, fomentando a capacidade de leitura, escrita e oralidade

dos alunos a partir de um tema de domínio de muitos, intertextualizando e oportunizando debates e outros tipos de textos.

5 REFERÊNCIAS

BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria L. T. *Psicologias uma introdução ao estudo de psicologia*. 13ª ed. S.P.: Saraiva. 2001

GIL, Antonio C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª ed. S.P.: Atlas. 2008.

KRUG, Etienne. *Relatório Mundial sobre violência e saúde*. Disponível em:
<https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>
Acesso em 31/05/2017

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas – S.P.: Mercado de Letras, 1996. (Coleção Leituras do Brasil)

SEMIS, Laís. *O que é e como lidar com a automutilação na escola*. Disponível em:
<https://novaescola.org.br/conteudo/3384/cutting-o-que-e-como-lidar-com-automutilacao-na-escola>
a Acesso em 31/05/2017